

REDISCUTINDO A INTERDISCIPLINARIDADE

Maria da Conceição Sousa de Carvalho ()*

O tema deste seminário nos proporcionou a oportunidade de refletir e discutir conjuntamente sobre algumas preocupações antigas mas ao mesmo tempo atuais na história da ciência: do que falamos quando nos referimos a uma suposta fragmentação do saber? Se ela existe, sua via de superação é a interdisciplinaridade? O que exatamente queremos dizer quando invocamos a interdisciplinaridade?

Retomando o ponto inicial de nossas discussões, cabe lembrar que num primeiro momento (em 15.09.95) procuramos estabelecer os contornos da questão analisando algumas diferenças e aproximações entre concepções existentes sobre interdisciplinaridade. Observamos então, de modo geral e introdutório, que podemos identificar duas tendências na produção sobre este tema, e, a partir de tal constatação, pontuamos algumas questões. Como recurso didático de exposição, iniciamos a análise destas duas tendências a respeito da interdisciplinaridade situando algumas polaridades. É preciso aqui reafirmar que a adoção deste plano expositivo não teve e nem poderia ter outra razão além da de servir, como já dissemos, como um recurso didático. Situar polaridades não deve significar adesão a formas maniqueístas de análises tampouco comporta qualquer visão moralista sobre o certo e o errado, o bem e o mal.

Retomando e resumindo nossa fala inicial, procuraremos caracterizar as duas tendências mencionadas a partir dos seguintes aspectos: 1) ponto de partida; 2) relação entre o específico e o genérico; 3) o que move a interdisciplinaridade e 4) em que campos teóricos se situam. Face à intenção de não querer "batizar" tendências ou à falta de um nome mais adequado, nos referimos sempre à primeira e à

(*) Professora do Curso de Mestrado em Educação - UFPI

<i>Rev. do Mest. em Educ.</i>	Teresina	v.1 nº1	pp. 195-201	1996
-------------------------------	----------	---------	-------------	------

segunda tendência, obedecendo aí à ordem cronológica em que surgiram no cenário das discussões sobre interdisciplinaridade.

Deste modo, compreendemos que a primeira tendência parte do pressuposto de que a crescente especialização dos campos da ciência tem trazido como consequência a fragmentação do saber, a ausência de uma visão de totalidade, ou seja, a perda dos horizontes do saber, o caos. Sem negar, no entanto, a necessidade da disciplina - campo particular de sistematização de cada ciência - advoga uma imprescindível relação entre o específico e o genérico. Tal relação entre saber específico/totalidade se dá de uma maneira que podemos chamar de evolutiva: da disciplina para a pluridisciplina, desta para a interdisciplina, até a transdisciplina, esta última sendo considerada como o ideal de totalidade. Superar a fragmentação do conhecimento seria um ato de vontade do sujeito, que traria uma razão ao objeto, uma ordenação ao conhecimento do mundo. Os pressupostos teóricos que fundamentam esta visão de interdisciplinaridade se estabelecem no campo denominado por alguns estudos (Jantsch e Bianchetti, 1995; Etges, 1995) de Filosofias do sujeito.

No âmbito do que denominamos segunda tendência há nuances teóricas e mesmo discordâncias sobre determinados aspectos. Isto pode ser objeto de uma outra discussão. No momento, importa considerar as aproximações que permitem caracterizar um dado conjunto teórico no que se refere à interdisciplinaridade.

O pano de fundo de tais interpretações é o pressuposto de que a ciência deve ser analisada a partir de seu contexto de produção. A preocupação deixa de ser simplesmente epistemológica e passa a ser fundada, como aponta Severino (1995, p. 160) na convicção de que "o saber não estabelece nexos puramente lógicos entre conceitos e relações formais; ele parece penetrar a dimensão axiológica, envolvendo questões de natureza ética e política." Neste sentido, o processo de fragmentação do saber, antes de ser um problema de ordem metafísica é uma questão de ordem histórica. No que se refere à relação entre o genérico e o específico esta tendência a interpreta a partir do princípio de que o todo não é a mera soma das partes, mas se radica nos nexos onde as especificidades são partes do todo. Olhar a realidade de maneira

interdisciplinar não seria uma prerrogativa do sujeito, mas uma exigência do próprio objeto. Esta idéia pode ser melhor esclarecida se recorrermos à observação de Frigotto (1995, p. 26), referindo-se ao trabalho interdisciplinar no campo das ciências sociais e no campo da educação: a interdisciplinaridade, diz ele, “não decorre de uma decisão racional e abstrata” do sujeito; é a “própria forma de o homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social” que suscita a necessidade do interdisciplinar.

Considerando a maior parte dos estudos sobre interdisciplinaridade que se identificam com a segunda tendência, podemos inferir que se fundam no campo das teorias críticas.

A retomada “telegráfica” que fizemos acima teve o objetivo de nos situar e contribuir para que agora, neste segundo encontro, possamos avançar um pouco mais nossa reflexão sobre interdisciplinaridade.

Recolocando o debate

Costumamos nos referir à interdisciplinaridade como algo que é - ou não é; está presente - está ausente... Em qualquer destas construções ou em outras similares cometemos o lapso de pensá-la como algo si, como um substantivo. Precisamos passar a tratar a interdisciplinaridade como um adjetivo, ou seja, como uma qualidade, uma característica do conhecimento elaborado. Neste a categoria básica que precisamos discutir é o conhecimento, especificamente, o conhecimento que a ciência produz e como o produz. A partir de tal perspectiva de análise é possível reorientar nossa compreensão sobre o interdisciplinar.

Retomemos as considerações feitas sobre a denominada primeira tendência. Veremos que é basilar a constatação de que o conhecimento produzido pela ciência sofre um processo de fragmentação de tal monta que terminará por inviabilizar a ciência em sua pretensão de explicar o real na sua totalidade. Dito de outro modo, o advento da civilização técnica, requerendo sempre e cada vez mais a especialização dos saberes, desorganizou de tal maneira o conjunto do

conhecimento sistematizado que este perdeu o contato com a realidade humana. "A ciência em migalhas", na expressão usada por Gusdorf (1975: 27) reflete a "consciência em migalhas", inapta para apreender a totalidade, causa e efeito de uma confusão ontológica. Compreendido o conhecimento científico com a ordenação subjetiva do mundo objetivo e constatado o modo setorizado com que vem ocorrendo sua elaboração - a partir da ciência moderna e, mais enfaticamente, na contemporaneidade - restam a condenação à patologia do saber e a reivindicação de uma nova e salvadora ordem epistemológica.

É sobre esta base de interpretação fenomênica do conhecimento e de sua produção que se sedimenta a concepção de interdisciplinaridade desenvolvida pelos teóricos da primeira tendência. Consequentemente, produzir conhecimento de modo interdisciplinar é renunciar ao isolamento dos diversos discursos científicos buscando o diálogo permanente - a parceria; é superar as diferenças, transcender os limites de cada especialidade rumo à totalidade do saber.

Contrapondo-se à concepção fenomênica de elaboração do conhecimento, os teóricos de segunda tendência vão entender que o conhecimento é ação, e é a ação que vai determinar o modo de ser do sujeito. A consciência, então, nasce embutida na prática do homem (prática sempre e necessariamente coletiva). Ao produzir as condições materiais de sua existência, o homem produz também conhecimento, síntese da teoria e da prática. Além disso, por ser a experiência histórica e coletiva da sociedade a base sobre a qual cada indivíduo elabora saberes acerca da realidade, só podemos falar de conhecimento como expressão de um sujeito coletivo, "ainda que mediada pela ação singular e dispersa dos indivíduos" (Severino, 1995, p. 53). Disso decorre que o conhecimento tem nas relações sociais não um fator circunstancial, mas sua própria fonte geradora.

Isto posto, a questão da interdisciplinaridade ganha outra configuração. Em primeiro lugar, devemos observar que a interdisciplinaridade deixa de ser considerada como resultante da vontade do sujeito cognoscente, passando a significar uma exigência intrínseca do próprio objeto. É na forma mesma pela qual o homem produz-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do

conhecimento científico que se radica a necessidade do interdisciplinar.

Uma segunda observação, necessária à compreensão da perspectiva interdisciplinar visualizada pelos teóricos da segunda tendência, refere-se à questão da totalidade. Não é o somatório das partes que constitui a totalidade, nem tampouco é possível identificá-la como um princípio ordenador do conjunto fragmentário da realidade. Para chegar à totalidade concreta é necessário explicitar as mediações e determinações históricas que se expressam no real, vez que, como adverte Kosik (1989, p. 207)

“a totalidade do mundo compreende ao mesmo tempo, como momento da própria totalidade, também o modo pelo qual a realidade se abre ao homem e o modo pelo qual o homem descobre esta totalidade”.

Apreender a realidade de forma interdisciplinar requer então um processo de elaboração do conhecimento que, partindo do empírico, do fenômeno dado em sua exterioridade, avance no sentido do desvelamento das múltiplas determinações constitutivas dessa realidade. O modo interdisciplinar de construção do saber tem vez e lugar exatamente na explicitação - sempre processual e histórica - dos nexos que se estabelecem entre a parte investigada (objeto de pesquisa) e o todo do qual faz parte.

Para finalizar, mas não para encerrar

Ao longo deste debate, sinalizamos alguns pontos ao nosso ver necessários - mas com certeza ainda não suficientes - ao empreendimento sabidamente complexo que é refletir sobre a interdisciplinaridade.

No plano da realização concreta de um projeto interdisciplinar, ou de uma proposta que assuma a interdisciplinaridade como uma de suas características constitutivas - e este é o caso do Mestrado em Educação da UFPI - há obviamente inúmeros obstáculos a serem progressivamente superados. Apenas para mencionar alguns destes

obstáculos, recorramos às considerações de Frigotto (1995) e atentemos para o fato de que:

a) as limitações do sujeito - relativas à sua formação, traços culturais, limites de tempo, etc. - representam um problema real para a elaboração interdisciplinar do conhecimento.

b) os mecanismos que produzem a exclusão, a alienação e a desigualdade, presentes nas sociedades cindidas em classes sociais, têm necessariamente implicações nos modos de produção e socialização do saber, bem como no plano da consciência, das representações e das concepções de realidade.

Cabe ainda lembrar que quando nos referimos à interdisciplinaridade estamos sempre e inevitavelmente expressando um modo de entender a realidade e o conhecimento que elaboramos sobre ela. Consequentemente, há na base de qualquer compreensão do interdisciplinar um paradigma epistemológico (implícito ou explícito) que lhe dá sustentação. Assim como não há ciência neutra, não há interdisciplinaridade neutra. Donde a impossibilidade de entender a questão do conhecimento interdisciplinar pela via do consenso, ou da síntese de diferentes posturas. Não cabem, por outro lado, escolhas plebiscitárias, em geral ingênuas, por esta ou aquela visão interdisciplinar, posto que as escolhas são anteriores e muito mais radicais. Voltando a enfatizar, é a nossa compreensão de conhecimento e de seu modo de elaboração que vai determinar a nossa explicação sobre o interdisciplinar.

A convivência de diferentes posturas (mas não a convergência), o embate das dessemelhanças é absolutamente salutar e desejável. Aliás, o pluralismo teórico é, tanto quanto a interdisciplinaridade, uma das pretensões deste Mestrado.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

GUSDORF, Georges. Prefácio. In: Japiassu, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JANTSCH, Ari Paulo e BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.). *Interdisciplinaridade; para além da filosofia do sujeito*, Petrópolis: Vozes, 1995.

• Nesta coletânea os seguintes trabalhos foram consultados e/ou referidos:

ETGES, Norberto J. *Ciência, interdisciplinaridade e educação*: 51: 84.

FOLLARI, Robert A. *Interdisciplinaridade e dialética: sobre um mal entendido*: 97: 100.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais*: 25-49.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *O uso e o múltiplo; o sentido antropológico do interdisciplinar*: 159: 175.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*, 5a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MARTINELLI, Maria Lúcia et al.(Orgs.). *O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber*, São Paulo: Cortez, 1995.

• Nesta coletânea os seguintes trabalhos foram consultados e/ou referidos:

GATTI, Bernardete A. *Nosso saberes, sua unidade/identidade na multiplicidade que os informa*: 13-20.

FAVARETTO, Celso Fernando. *A unidade e multiplicidade no debate sobre o pós-moderno*: 29-36.

SAWAIA, Bader Burihan. *A falsa cisão retalhadora do homem*: 96: 109.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *O poder da verdade e a verdade do saber*: 46: 54.